

A ascensão do masculinismo no Brasil: uma análise da primeira pílula do Livro “Red Pill 2.0” de Thiago Schutz¹

Ana Luiza Vieira MORAIS²

Luiz Ademir de OLIVEIRA³

Millena Gonçalves Constantino dos SANTOS⁴

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO: O artigo discute a ascensão do masculinismo, tendo como enfoque o movimento *Red Pill*. No último século, o espaço conquistado pelas mulheres na sociedade abalou as estruturas vigentes sobre gêneros. Há um debate que coloca em xeque a visão binária sobre o “que é ser homem” e o “que é ser mulher”. Para Judith Butler (2022), formuladora da Teoria Queer, os conceitos de “homem” e “mulher” são mutáveis. Para Nolasco (2001), os homens estão cada vez mais fragilizados em relação à masculinidade. Por isso, têm se reunido em fóruns na internet e nas redes sociais para disseminar ódio e misoginia. Para a análise, são acionados os conceitos de violência simbólica (Bourdieu, 2002), luta pelo reconhecimento (Honnet, 2003) e crise da masculinidade (Nolasco, 2001; Connel e Messerschmidt, 2013). Adota-se a Análise de Conteúdo (Bardin, 2011), a fim de identificar o discurso machista e sexista presente no capítulo do livro “Red Pill 2.0”.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinismo; *Red Pill*; Violência Simbólica; Misoginia; Extrema Direita.

RESUMO EXPANDIDO

The Red Pill, a pílula vermelha, é uma referência ao filme *Matrix* (1999), em que o personagem principal, *Neo*, deve escolher entre duas pílulas: a pílula vermelha, que permitirá que ele veja a verdade por trás da ilusão em que vive, ou a pílula azul, que fará com que ele esqueça tudo e retorne ao mundo de fantasia. A partir da analogia ao filme, o movimento *Red Pill* prega que é necessário tomar a pílula vermelha para recuperar a virilidade perdida, principalmente nos últimos anos, com o avanço do feminismo. Assim, reforçam papéis de gênero que colocam a mulher como submissa ao homem,

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade e Diversidade, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Discente do segundo ano do Mestrado em Comunicação da UFJF. Bolsista CAPES (Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). E-mail: analuizavieiramorais@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Bolsista de Produtividade do CNPq – Nível E, Mestre e Doutor em Ciência Política pelo IUPERJ, Mestre em Comunicação Social pela UFMG, docente e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Letras (PROMEL) e do curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFSJ e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM) da UFJF. É bolsista de Produtividade CNPq – Nível 2. E-mail: luizoli@ufsj.edu.br

⁴ Discente do segundo ano do Mestrado em Comunicação da UFJF. Bolsista CAPES (Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). E-mail: goncalvesmillena94@gmail.com.

além estimularem uma masculinidade nociva para a sociedade. Os homens buscam um espaço para compartilhar o conteúdo da pílula vermelha uns com os outros, incitando também ódio digital contra aqueles que são os opostos da *Red Pill*.

No Brasil, o famoso nome “redpillado” e a própria atenção para o crescimento do movimento, se deu com Thiago Schutz, em sua página no *Instagram*, hoje com 336 mil seguidores. O influenciador de masculinidade Thiago da Cruz Schoba, ou Thiago Schutz, como se apresenta nas plataformas de redes sociais, ganhou destaque nacional após na madrugada de 27 de fevereiro de 2023, ameaçar de morte a atriz e humorista Lívia La Gatto⁵, através do *Instagram*, com a seguinte mensagem: “Você tem 24 horas para retirar seu conteúdo sobre mim. Depois disso é processo ou bala. Você escolhe”. A motivação para tanto partiu de um vídeo irônico postado pela atriz, em que ela debochava de homens que promovem discurso de ódio contra as mulheres, nele havia uma referência direta a um vídeo de Thiago Schutz viralizado nas redes dias antes.

Em 2022, Schutz que já era autor de outros livros, lançou o livro “Red Pill 2.0”. Uma das frases de abertura do primeiro capítulo é: “Homens que tiveram suas vidas prejudicadas por uma mulher, em maior ou menor nível, não são a minoria.” (Schoba, 2022, p.23). O livro quer dar lições de como os homens devem colocar em prática os ensinamentos do masculinismo, como, por exemplo, dicas sobre o valor sexual de mercado do homem e até mesmo como podem se defender de acusações de abuso ou violência. A pesquisa centra-se em como o autor enxerga o avanço da *Red Pill* no país.

Quanto ao **Referencial Teórico**, tais posicionamentos remetem ao debate sobre violência simbólica e desigualdade de gênero. Pierre Bourdieu (1998), a partir do questionamento da falta de subversão e permanência da ordem vigente, busca compreender como as relações entre homens e mulheres se construíram com a dominação do sexo masculino sob o sexo feminino.⁶ O sociólogo parte do estudo do

⁵ Lívia La Gatto é uma atriz e roteirista nascida em São Paulo. Se destaca no *Instagram* através de críticas humorísticas em favor das minorias, como contra o machismo e o racismo, além comentar assuntos da atualidade. Sua conta tem mais de 290 mil seguidores.

⁶ Pierre Bourdieu (1930-2002) foi um importante sociólogo francês do século XX. Seus estudos dialogavam com Max Weber e Karl Marx. Bourdieu acreditava no construtivismo estruturalista, ou seja, a argumentação de que há estruturas objetivas no mundo social que podem coagir a ação dos indivíduos, assim como a que as vivências sociais estão numa relação dialética. A sua obra inclui a construção da ideia de campos sociais, muito importante para compreender como se dá a relação entre campos (macro) e indivíduos (habitus). Tem obras voltadas para o campo político, o campo jornalístico e este livro em especial para a dominação masculina.

povo berbere, na Cabília, região montanhosa da Argélia, às margens do Mar Mediterrâneo, para exemplificar a dominação masculina. A organização desse povo parte da ordem androcêntrica, ou seja, em que as relações culturais simbólicas colocam o homem como centro de tudo. Bourdieu (1998) pontua que a dominação masculina acontece de forma simbólica e se torna natural até mesmo para as mulheres, o que ele define como violência simbólica. O autor afirma que a dominação masculina vigente na sociedade foi incorporada e legitimada por hábitos taxinômicos binários, ou seja, as mulheres eram relacionadas aos fenômenos do interior e os homens aos do exterior. Essas estruturas, apesar de serem objetivamente tratadas como naturais, são construídas para retirar o direito das mulheres de ocupar outros espaços na sociedade. Butler (2022), uma das formuladoras da Teoria Queer, afirma que os conceitos de homem e mulher são mutáveis.

Esta perspectiva de violência simbólica pode ser complementada por Donna Zuckerberg (2018). No livro *Not All Dead White Men: Classics and Misogyny in the Digital Age* (Nem todos os homens brancos mortos: clássicos e misoginia na era digital), a autora analisa como homens têm se baseado em textos, artefatos e figuras históricas principalmente da literatura grega e romana, para reforçar uma ideologia misógina e autoritária, de modo a perpetuar o patriarcado. Segundo a autora, também são acionadas a história do período medieval da Grã-Bretanha, Alemanha e Rússia, além de artigos sobre psicologia evolutiva, filosofia, biologia e economia. Segundo Zuckerberg (2018), as mídias sociais democratizaram a informação, mas também criaram espaços para homens antifeministas espalharem teorias conspiratórias e violência.

Os homens de todas as facções da Pílula Vermelha tornaram-se cada vez mais francos nos últimos anos sobre o seu desejo de trazer de volta não apenas o antiquado, mas políticas de gênero literalmente antiquadas – para restabelecer as condições sociais dos homens e mulheres no mundo antigo (Zuckerberg, 2018, p. 175).

Para a estudiosa, as eleições de 2016, com a vitória do republicano de direita Donald Trump, conhecido por frases como “Agora temos um negro na presidência, depois vai vir uma mulher, em seguida deve vir um gay, e depois com certeza um hamster, do jeito que vão as coisas” (Trump, 2016), foi essencial para que esses grupos se sentissem ainda mais fortes.

Ainda, Honneth (2003), a partir dos pensamentos de Hegel e Mead, desenvolve que os sujeitos adentram na sociedade moderna através de mútuas “lutas moralmente motivadas de grupos sociais, sua tentativa coletiva de estabelecer institucional e culturalmente formas ampliadas de reconhecimento recíproco, agudo por meio do qual vem a se realizar a transformação normativamente gerida das sociedades. (Honneth, 2003, p. 156). Essas lutas são concebidas a partir de três pontos: o amor, o direito, e a solidariedade. Quando há um desrespeito dessas formas de reconhecimento é que se inicia a luta. Assim, o indivíduo procura através do amor, adquirir autoconfiança, com direito, o autorrespeito e, na solidariedade, a autoestima. Ao tratarmos de relações amorosas no padrão heteronormativo, no contexto da dominação masculina, e dos grupos de masculinismo, percebe-se que o reconhecimento da independência da mulher perante ao homem é um fator assustador para a construção deste amor. Porque eles objetivam uma espécie de simbiose, mas que lhes proporcione poder sobre as decisões da mulher como vestimentas e trabalho, daí surge um conflito de interesses.

Sócrates Nolasco (2001) entende a masculinidade como o acesso ao mundo de privilégios, liberdade e poder exercidos na esfera pública, vinculada ao estereótipo de homens brancos, heterossexuais, que, desde a era moderna, reivindica o espaço de herói. Tais construções são sociais, identitárias e historicamente ligadas ao poder hegemônico dos homens. Mas o que Nolasco pondera é que cada vez mais os homens têm se fragilizado frente às situações cotidianas. A agressividade e a violência são marcas desta forma de dominação, como também pode ser pensada a violência simbólica (Bourdieu, 1998). Para os fins desta pesquisa, adota-se uma visão de masculinidade hegemônica.

A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideo logicamente a subordinação global das mulheres aos homens. (Connell; Messerschmidt, 2013, p. 245)

Connell e Messerschmidt (2013) apontam que o patriarcado criou uma cumplicidade masculina que foi de certo modo aceita pelas mulheres. Logo, apesar da hegemonia masculina poder ser exercida através da força, ela é alcançada principalmente pelos processos culturais e instituições. Bogéa (2019) sustenta que essa

masculinidade hegemônica faz uma espécie de pressão através das instituições sociais, sendo a primeira a família, para que os homens se enquadrem nos padrões esperados.

Quanto à **Metodologia e Corpus de Análise**, será analisado o primeiro capítulo do livro “Red Pill 2.0”, escrito pelo influenciador de masculinidade Thiago Schutz, que é intitulado como “A ascensão da Red Pill”. Nele, temos a versão do próprio influenciador sobre os motivos que alavancaram o movimento no país. A ideia central é contrapor com as referências bibliográficas utilizadas. Quanto à análise de conteúdo, parte-se da compreensão de Bardin (2011), que entende tal técnica como um método que aplica tanto técnicas quantitativas como qualitativas e visa a obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores que permitam ao pesquisador fazer inferências sobre o objeto investigado.

Em relação à ascensão da **Red Pill**, Thiago Schutz elenca nove pontos que validam o crescimento do movimento. Numa breve primeira análise, foram selecionados dois para discussão. O primeiro é a “Propagação de páginas e canais *Red Pill*”. Thiago aponta que muitas páginas já falam abertamente sobre isso, mas outras ainda não se denominam como parte do movimento, apesar da essência do conteúdo ser a mesma. Ao fazermos um paralelo com a pesquisa de Zuckerberg (2018), constata-se que, até 2022, o Brasil esteve sob o mandato de Jair Bolsonaro, outro presidente de direita, igualmente conhecido por falas machistas, como “Eu tenho 5 filhos. Foram 4 homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher” (Bolsonaro, 2017). Assim, é possível entrever porque esse discurso da *Red Pill* adquire cada vez mais adeptos, que, ao se depararem com líderes de estado com o mesmo pensamento, sentem-se no direito se manifestarem cada vez mais abertamente e, hoje, em espaços como o *Instagram*.

Já o segundo, está “Homens e Mulheres desejam a masculinidade”, em que o *coach* ressalta que a força masculina em equilíbrio é benéfica para homens e mulheres. Para confirmar o argumento, recorre a filmes e séries que evidenciam o poder e o sucesso de figuras masculinas bem recebidas pelo público, como no filme *Top Gun: Maverick*⁷, que alcançou mais de um bilhão de dólares em bilheteria. Segundo Nolasco (2001), a masculinidade é uma ideia que agrega uma série de imagens que disponibilizam ao indivíduo o modo como ele deve agir diante das situações que

⁷ *Top Gun: Maverick* é um filme estadunidense lançado em 2022. Contempla os gêneros de ação, aventura e drama. Estrelado por Tom Cruise, o filme é uma sequência de *Top Gun* de 1986. A história envolve *Maverick* confrontando seu passado enquanto treina um grupo de jovens graduados na Escola Aeronáutica *Top Gun*, incluindo o filho de seu falecido melhor amigo, para uma missão perigosa.

enfrenta. Para isso, segundo o autor, as culturas criam e organizam mitos e heróis que possam gerar identificações para que, na sociedade, os que se espelham nestas figuras possam lidar consigo mesmos e com os grupos que estão inseridos. Nesse sentido, a socialização dos “meninos” segue uma lógica que permeia a ideia de dominação, que deve não demonstrar afeto, sensibilidade e, principalmente, fragilidades. Quanto às mulheres desejarem a masculinidade hegemônica, nos deparamos com a violência simbólica apontada por Bourdieu (2002), pois, ao estarem acostumadas com o papel de coadjuvante, muitas mulheres ainda esperam serem salvas pelo príncipe encantado. Há aqui também o controle exercido pela luta pelo reconhecimento de Honnet (2003), os homens querem ser reconhecidos como “protetores das mulheres” e em troca adquirir direito sobre seus corpos e atitudes.

A partir de análises preliminares, pode-se inferir que, ao trazer destaque para a ascensão da machosfera, o artigo busca gerar reflexões sobre como os papéis bem delimitados pelo masculinismo e refletidos nas orientações de Thiago Schutz são perigosos, porque através de discursos ora mais agressivos ora mais brandos, podem contribuir para uma geração de homens que cultivem um desprezo pelas mulheres e que sejam mais violentos.

REFERÊNCIAS

ARENT, M. A crise do macho. In: MATTOS, F.B.; WERBA, G; STREY, M.N. **Gênero por escrito: saúde, identidade e trabalho**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 119-131.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOGÉA, A.F. Aprendendo a ser “homem”: uma análise sobre o processo de produção/reprodução da referência heteronormativa de masculinidade. **Temática**, v. 15, n. 7, p. 70-87, jul. 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BUTLER, Judith. **Desfazendo gênero**. São Paulo: Editora Unesp. 2022.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. *Rev. Estud. Fern.*, v. 21, n. 1, p.241-82, Florianópolis, 2013.

DUPUIS-DÉRI, Francis. Le “masculinisme”: une histoire politiquevemu mot (en anverems et en français). **Recherches féministes**, v. 22, n. 2, p. 97-123, 2009.

NOLASCO, Sócrates. **De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2001.

REDAÇÃO. Bolsonaro: “Eu tenho 5 filhos. Foram 4 homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher”. *Revista Fórum*. 04 de maio de 2017. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/2017/4/5/bolsonaro-eu-tenho-filhos-foram-homens-quinta-eu-dei-uma-fraquejada-veio-uma-mulher-19902.html>. Acesso em: 22 fev. 2024.

SCHOBA, Thiago. *Elite Masculina*. 2023. Disponível em: <https://elitemasculina.com.br/>. Acesso em: 22 jul. 2023.

WIKIPÉDIA. **Top Gun: Maverick**. 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Top_Gun:_Maverick. Acesso em: 10 jan. 2024.

ZUCKERBERG, Donna. *Not all dead white men: classics and misogyny in the digital age*. Londres: Harvard University Press, 2018